



1

Laboratório de História Oral: ensino de História e fontes orais – memórias construindo outras histórias na cidade de Ilhéus-BA.

palavras-chave: ensino de História; História Oral; Ilhéus;

LUIZ HENRIQUE DOS SANTOS BLUME¹

O *Laboratório de História Oral: ensino e pesquisa com fontes orais* é um projeto de Iniciação ao Ensino do curso de Licenciatura em História da UESC – Universidade Estadual de Santa Cruz, na cidade de Ilhéus-BA, realizado no CEDOC – Centro de Documentação e Memória da UESC. Faz parte das iniciativas da universidade e do projeto de articulação de experiências de ensino que aliam teoria e prática na formação inicial dos licenciandos. O projeto está em andamento, e tem por objetivos proporcionar aos estudantes do curso de graduação em História uma experiência de ensino através da vivência prática da pesquisa com fontes orais.

O acervo do CEDOC contém a *Coleção Testemunhos para a História*, com 371 entrevistas catalogadas nos seguintes grupos: História de vida (região de Ilhéus, Itabuna e litoral sul), História Temática (golpe de 1964, Imigração Libanesa, etc.), História de Educadores e História de Bairros. Esta experiência em andamento na formação inicial de professores no curso de História na UESC trouxe alguns questionamentos em relação ao próprio acervo do CEDOC e da relação do curso de graduação da instituição com estas fontes. As entrevistas em sua maioria foram realizadas por estudantes de graduação, como parte de trabalhos escolares das disciplinas. Outras fizeram parte do projeto *Testemunhos para a História*, que pretendia trazer ao público depoimentos de personalidades da região, especialmente aqueles que tiveram uma presença marcante na política local.

Neste sentido, poderíamos dizer que reforçam textos da memória hegemônica e

1 Professor Adjunto da disciplina Teorias da História na UESC – Universidade Estadual de Santa Cruz. Doutor em História Social pela PUCSP. Projeto contemplado no Edital 227.2012 para Iniciação ao Ensino na UESC. Agradeço as contribuições da estudante do curso de Licenciatura em História da UESC, Maíza Ferreira dos Santos, bolsista do Projeto de Iniciação ao Ensino *Laboratório de história Oral: ensino e pesquisa com fontes orais* (2012-2014) e *Memórias da ditadura civil-militar de 1964-1985 em Ilhéus/Itabuna: imprensa e fontes orais no ensino e na pesquisa em História* (2014-2016).



2

dialogam com uma tradição historiográfica da chamada “história do cacau” ou “historiografia sul-baiana”. Esta tradição reforça temas e sujeitos ligados à cultura do cacau, já bastante conhecidos por uma literatura denominada “cacaueira”, apesar de incluir autores que obtiveram um reconhecimento fora da região e do país, como Jorge Amado, Adonias Filho, James Amado e outros. Apesar disso, as atividades realizadas pela estudante Maíza Ferreira dos Santos, bolsista de Iniciação ao Ensino do projeto, indicam potencialidades de investigação histórica de outros sujeitos históricos. Entre estas, pode-se trabalhar questões de gênero, a partir de histórias de educadoras que tiveram uma presença marcante nas cidades de Ilhéus e Itabuna. As entrevistas de personagens/personalidades locais podem revelar aspectos do cotidiano das cidades que trazem outras histórias e memórias não hegemônicas.

O Laboratório de História Oral continua suas atividades, incluindo ao acervo da coleção Testemunhos para a História entrevistas realizadas com marisqueiras e pescadores artesanais, ex-presos políticos e professores que tiveram uma atuação na instituição durante o período da ditadura empresarial-militar de 1964-1985.

Laboratório de História Oral: porquê é necessário um projeto que articule ensino e pesquisa com fontes orais no curso de Licenciatura em História da UESC?

O curso de Licenciatura em História da UESC teve o seu reconhecimento em portaria MEC 706, de 16.06.1997, publicada no DOU de 17.06.1997 e modificado pelas Resoluções 014.2004, 037.2004, 03.2005, 034.2006 e 004.2007 do CONSEPE. O curso oferece 60 vagas, divididas em duas entradas semestrais, sendo 30 vagas no primeiro semestre e 30 vagas no segundo semestre, nos turnos matutino e noturno.

A Resolução CONSEPE 004.2007 traz a atual conformação do Projeto Acadêmico Curricular do Curso de Licenciatura em História da UESC, com carga horária total de 2855 horas equivalentes a 122 créditos para os discentes cumprirem como requisito mínimo para a obtenção do grau de Licenciado em História. O curso terá duração mínima de 8 semestres (período matutino) e 9 semestres (período noturno) e máximo de 14 semestres (matutino) e 16 semestres (noturno). Além disso, o licenciado em História deverá apresentar uma Monografia de Graduação – Trabalho de Conclusão de Curso, sob a orientação de um docente do curso de História ou outro docente da UESC.

É preciso ainda destacar a necessidade da articulação entre o ensino e a pesquisa em



3

História, pautada nos princípios da indissociabilidade entre ensino e pesquisa. Para tal, o Projeto Acadêmico Curricular do Curso de Licenciatura em História da UESC (doravante denominado PAC-História) prevê dois eixos formadores:

1. eixo da formação docente
2. eixo da pesquisa histórica

A partir destes dois eixos, o curso de Licenciatura em História da UESC deve articular a preparação à docência e à pesquisa num duplo movimento, proporcionando uma sólida formação aos estudantes, futuros profissionais de História. Tal articulação deve se dar através dos espaços interdisciplinares que constituiriam a rede entre as disciplinas de formação docente e da pesquisa histórica. O *Laboratório de Formação Docente* e o *Laboratório de Pesquisa Histórica* seriam então o *locus* onde a indissociabilidade entre ensino e pesquisa ocorreriam. No entanto, apesar de fazerem parte dos princípios norteadores do PAC-História, tais *laboratórios* não se efetivaram. Dessa forma, há uma *lacuna* na formação dos estudantes do curso de Licenciatura em História da UESC.

Na proposta do PAC-História, destacaria os seguintes objetivos para o *Laboratório de pesquisa histórica*: fazer interações entre a pesquisa e o ensino, procurando produzir novas fontes de documentação; possibilitar aos alunos o acesso a fontes históricas tradicionais e não-tradicionais; familiarizar os alunos com a pesquisa histórica. Além disso, entre suas funções estão previstas: “(...) a realização de atividades práticas das ciências auxiliares da História, [e] orientar ações de organização de acervos particulares e públicos, a produção e utilização de material didático e fontes primárias relacionadas à área desse conhecimento.” (BARBOSA et all,p.37)

Destarte, o PAC-História previa ainda, a realização de *Seminários Temáticos* e *Seminários Interdisciplinares*, *Oficinas de caráter prático experimental*, *Grupos de Estudo* e *Grupos de Pesquisa*, articulando a dimensão *prática* e *teórica* dos componentes curriculares de dimensão pedagógica e pesquisa histórica propriamente dita, ou seja, as *disciplinas teórico-práticas* do fluxograma do curso de Licenciatura em História da UESC.

Nesse sentido, a proposta do *Laboratório de História Oral: ensino e pesquisa com fontes orais* - colabora para a efetivação dos princípios norteadores do PAC-História (Res. CONSEPE 04.2007), naquilo que se refere ao *Laboratório de Pesquisa Histórica*. Conforme



4

consta nas bases do PAC-História, ensino e pesquisa histórica são dimensões da formação do profissional em História que se espera para os profissionais egressos do curso.

Neste sentido, a construção do *Laboratório de História Oral*, tem como base de referência para pesquisa histórica no sul da Bahia o material de pesquisa do acervo de fontes orais – entrevistas – do CEDOC/UESC. A utilização deste acervo como experiências de ensino e pesquisa dos graduandos em História deverá contribuir para a melhoria do ensino, através de uma ação que vise a introdução de práticas e experiências pedagógicas.

O CEDOC/UESC é um importante instrumento de pesquisa histórica da região sul da Bahia, fundado em 1993 como Unidade Suplementar à Reitoria da UESC. A proposta do *Laboratório de História Oral* está articulada aos objetivos do CEDOC/UESC, que incluem a organização de acervos e fontes para a História da região, e entre os objetivos específicos propõe-se a “*pesquisar e recuperar os aspectos históricos, sociais e culturais da região do cacau, divulgando o resultado de suas pesquisas, contribuindo para a preservação da Memória Regional*”, e ainda o “*treinamento e capacitação de alunos de graduação em História nas suas atividades*”. (UESC:1993) [UESC. Departamento de Estudos Sociais. Processo n.o 39, de 05.10.1993. Projeto de criação do Centro de Documentação e Memória Regional. Mimeo.]

Dessa forma, o **Laboratório de História Oral: ensino e pesquisa com fontes orais** pretende proporcionar aos discentes e futuros professores de História uma experiência com as metodologias de pesquisa, acervos, e ainda uma interface com o ensino básico, na medida em que os estudantes poderão utilizar as metodologias apreendidas em suas futuras experiências de sala de aula. Ademais, possibilitará um necessário ajuste à implantação do PAC-História, na medida em que permitirá aos estudantes do curso uma experiência prática de pesquisa e ensino de História.

Dificuldades de ensino e aprendizagem e de articulação teoria-prática no curso de Licenciatura em História da UESC

Desde 1999 leciono os conteúdos relacionados à matéria Teoria da História, inicialmente na UNEB- campus de Jacobina, e desde o segundo semestre de 2004 venho lecionando a matéria Teoria da História no curso de Licenciatura em História da UESC. Percebo desde as primeiras turmas, uma dificuldade dos alunos na leitura, interpretação e



5

análise dos textos teórico-metodológicos. Esta dificuldade já foi apresentada em vários artigos e ensaios que trataram da formação dos futuros profissionais de História.

Conforme FENELON (1983), o desafio tem sido o de conciliar o aumento das vagas universitárias com qualidade de ensino, sendo que no caso dos cursos de formação de futuros profissionais de História, é essencial também uma formação crítica, por meio de métodos científicos. Nada mais atual do que estas ponderações da historiadora, que ainda questiona a dicotomia *ensino e pesquisa* nos cursos de Licenciatura em Estudos Sociais, que até pouco tempo ainda existiam nas universidades brasileiras. Nunca é demais lembrar que o curso de Licenciatura em Estudos Sociais funcionou até o ano de 1996 em nossa instituição, fruto de uma mentalidade e ideologia oriundas dos projetos da ditadura civil-militar de 1964.

Muito já se tratou das consequências da Reforma Universitária de 1968 e da LDB 5692/71, que criaram os conteúdos de Educação Moral e Cívica, Organização Social e Política do Brasil e os cursos de Licenciatura em Estudos Sociais. No entanto, a crise do ensino e do ensino de História em particular, vem sendo objeto de estudos e pesquisas recentes. (SILVA&FONSECA;2011)

As mobilizações por democracia e participação política, bem como as lutas dos docentes por melhores condições de trabalho e salários dignos na década de 1980 tiveram como protagonistas os professores do ensino básico. Nestes movimentos, os profissionais de História destacaram-se, e abriram outras frentes de luta, tais como a regulamentação da profissão de historiador, a luta pelo fim dos cursos de licenciatura curta em Estudos Sociais, e a reformulação das propostas curriculares de História no ensino fundamental e médio.

Dessas lutas, surgiu uma consciência de que o ensino de História não traz somente discussões técnicas, mas, sobretudo, implicações políticas à sociedade brasileira como um todo. Foi assim que surgiram propostas curriculares de História que buscavam trazer ao centro das questões a presença de novos sujeitos coletivos, até então ausentes dos conteúdos e programas escolares. (FENELON; FUNARI; SILVA:1987)

A historiografia crítica trazia novas contribuições à pesquisa histórica, que também incidiam sobre novas formas de se pensar e fazer a sala de aula. Surgiram várias propostas de reformas curriculares que tinham como preocupação o questionamento do ensino de história e a construção de uma cidadania crítica, trazendo para a sala de aula as preocupações das lutas



sociais engendradas pelos professores de História.

SILVA (1995) traz uma importante questão para os profissionais de História. Para ele não se trata de opor *ensino e pesquisa*, em ambientes em que a erudição acadêmica proporcionaria um *prazer* estético, e por outro lado, a dimensão do ensino reduzida à mera reprodução de conceitos e abordagens apreendidas na universidade. Para o autor, denunciar uma história academicista significa romper com uma prática de ensino de História de forma passiva, e ainda nos provoca com um questionamento: como superar os obstáculos do profissional de História, em especial do professor de História da educação básica? Quais possibilidades podemos criar para nossa aulas de História não sejam monótonas, enfadonhas e dissociadas da realidade?

Além disso, é preciso perceber a História como uma *operação histórica*. No dizer de Certeau, trata-se de entendê-la como uma *operação*, em que se cruzam lugar e procedimentos de uma disciplina, e a construção de um texto – portanto, “*a operação histórica se refere à combinação de um lugar social e de práticas científicas*”.(CERTEAU:1982, p.66)

Nesse sentido, os procedimentos com os quais o historiador vai lidar, na pesquisa e no ensino de História com fontes orais, tornam-se a própria condição de separar, organizar, definir quais são os sujeitos sociais que se quer dar visibilidade. Por isso, a proposta da criação do *Laboratório de História Oral* vinculado ao CEDOC significa também contribuir para a problematização das pesquisas que vem sendo realizadas no âmbito do curso de História da UESC.

Fenelon (1993) aponta a importância da utilização de fontes orais como possibilidades de trabalhar temáticas contemporâneas, aproximando-se de grupos sociais em que sua presença não pode ser percebida na documentação escrita. Nesse sentido é que o *Laboratório de História Oral* pode colaborar com a renovação histórica na região. Trazendo os estudantes para uma perspectiva crítica, a busca de novas fontes e evidências de sujeitos sociais poderá ser um experimento de pesquisa e também de renovação do ensino de História nas escolas do ensino básico.

Esta preocupação já vem sendo tratada por outras pesquisas (BLUME:2010). Na busca de outros sujeitos históricos para a pesquisa, trabalhei com tradições, experiências, modos de vida e trabalho de pescadores artesanais e marisqueiras em Ilhéus. Criticando uma perspectiva



7

folclorizante, em que os pescadores são cantados em prosa e verso por artistas baianos, procurei tratá-los enquanto uma categoria profissional que foi apropriada por uma indústria cultural e turística. Dessa forma, o “*popular tornou-se exótico, utilizado numa estratégia de marketing cultural como um produto a ser consumido por turistas e vendido para a indústria do turismo.*” (BLUME: 2010:p. 95)

Podemos afirmar que os *novos sujeitos sociais* somente tiveram visibilidade no momento em que a crise da lavoura cacaueteira atingiu seu ápice na região, na década de 1980. Trata-se, conforme Gagnebin, ao analisar a obra de Benjamin, de questionar este “esquecimento fundador”, na crise da lavoura cacaueteira, pois “*o desmoronamento da tradição termina sendo, por fim, o único lugar de uma retomada inventiva da origem 'perdida': uma invenção que nada na História pode garantir, mas que tudo chama a realizar-se.*” (GAGNEBIN:2007,p.70)

Estas concepções e referências serão abordadas nas Oficinas de História Oral e Memória que o *Laboratório de História Oral: ensino e pesquisa com fontes orais* tem realizado ao longo do período de aprovação do projeto de ensino até o segundo semestre de 2014. Ademais, um dos desafios desta proposta em apreço é possibilitar a articulação entre teoria e prática de ensino e pesquisa, trazendo esta experiência como uma vivência acadêmica aos estudantes de graduação em Licenciatura em História da UESC, possibilitando construir espaços de discussão e experiências críticas de ensino e pesquisa em História com fontes orais.

Assim, questionar a postura dos futuros professores de História da educação básica deve ser uma tarefa de todos os docentes, pois além de constar nos objetivos do curso de Licenciatura em História da UESC, devem ser um pressuposto para a universidade a postura crítica e a atuação problematizadora dos futuros profissionais que formamos.

As fontes orais e a dimensão da pesquisa histórica como parte integrante do PAC-História

O curso de Licenciatura em História da UESC forma especificamente professores de História que irão atuar na educação básica, mas que também poderão atuar em atividades de pesquisa na área de ciências humanas e sociais, em arquivos e museus, e ainda em projetos de assessoria cultural. No entanto, o princípio de um profissional crítico e atuante na sociedade é



a base para a atuação que esperamos dos nossos futuros profissionais.

A proposta *Laboratório de História Ora: ensino e pesquisa com fontes orais*, parte do pressuposto de que ensinar a ensinar e a pesquisar não são habilidades estanques, mas fazem parte de uma perspectiva de um ensino de História crítico, pois entende que não há dicotomia entre ensino e pesquisa e, principalmente, sem *fontes* não há pesquisa histórica.

Além disso, traz a perspectiva de trazer outras memórias, e com isso, quando as narrativas orais problematizam a pesquisa histórica documental e trazem novos sujeitos para a História, é possível construir muitas histórias.

Conforme FONSECA & SILVA (2011) é preciso entender que os professores da educação básica são sujeitos produtores de conhecimento histórico e, dessa maneira, as fronteiras do mundo acadêmico e o cotidiano escolar estão em movimento dialético. É necessário *ouvir* o professor de História, e fazer da *experiência* uma categoria central que possa superar e quem sabe, aproveitando-se os conhecimentos históricos produzidos no cotidiano escolar, renovar-se a prática e também as aulas de História na academia?

No entanto, os autores Silva e Fonseca alertam para a “mitificação” da prática, como se não houvesse uma necessária *práxis*. É preciso não incorrer no erro da “mitificação da teoria”, espaço reservado aos conhecimentos produzidos nos centros de pesquisa e universidades, e o “chão da escola”, onde os professores apenas reproduziriam os conhecimentos e saberes “científicos” apreendidos na universidade. Tal concepção descarta que a formação é um processo, “*um percurso formativo, de ensino e aprendizagem, desenvolve-se por meio de diferentes agentes e em diferentes espaços educativos*” (FONSECA: SILVA;2011, p.25)

Dessa forma, é preciso não perder de vista que o princípio da natureza do trabalho docente é a *autonomia* e a liberdade de exercício. Portanto, tomo as preocupações de para quem não cabem mais “reformulações” e “propostas” salvadoras que excluam a participação dos profissionais da educação básica e o principal sujeito do conhecimento: os estudantes. Conforme Fenelon:

“Se ao contrário, considerarmos que a História faz sentido como fonte de inspiração e de compreensão, não apenas porque pode fornecer os meios de inter-relação com o passado, mas também porque nos permite elaborar o ponto de vista crítico através do



qual se pode ver o presente, outras perspectivas de interesse pela história se abririam para todos nós profissionais e especialmente para nossa situação no ensino e na pesquisa.” (2009, p.33)

A História Oral vem sendo já há algum tempo um importante instrumento de renovação metodológica e teórica da História Social. Apesar de que ela ainda desperte entre os historiadores de formação mais tradicional uma desconfiança, principalmente por ter sido identificada com uma “história vista de baixo”, e em muitos casos ainda não obter o status de história acadêmica (PORTELLI, 2010), as pesquisas em História Social que tomem como fontes as narrativas orais têm se desenvolvido no Brasil. Conforme KHOURY (2006, p.43) avançamos muito nas pesquisas que lidam com fontes orais. No entanto, é preciso entender que a entrevista é um *encontro* e não uma *observação*. Segundo a autora, “*ainda estamos longe de tornar visível o diálogo como trabalho e trabalho político, que cruza e atravessa fronteiras sociais e culturais.*”(KHOURY:2006, p.43)

A utilização de fontes orais no ensino de História na educação básica tem sido provocativa e problematizadora. A historiadora argentina Dora Schwarztein (2008) tem sido uma das pioneiras na articulação de pesquisa em História Social e experiências de investigação histórica no ensino básico. Assim, trouxe uma importante contribuição, ao relatar e apresentar algumas questões a partir da experiência do projeto “Historia oral en las escuelas de las zonas de acción prioritaria”, na cidade de Buenos Aires.

Conforme a autora, as mudanças no ensino de História colocam aos profissionais do ensino de História pelo menos de quatro desafios: 1) A necessidade de interessar aos alunos; 2) A necessidade de ensinar uma história com protagonistas, uma história viva, e que os alunos entendam que toda experiência humana é relevante para o conhecimento histórico; 3) Dar resposta aos novos conteúdos, que coloquem a necessidade da aquisição de capacidades e atitudes como o espírito crítico e outras habilidades para resolver os problemas que os alunos venham descobrir; 4) É necessário fazer que os conteúdos sejam compreensíveis.

Concordamos ainda com a autora, quando afirma: “*La historia oral ofrece respuestas complejas y estimulantes a la problemática de los nuevos enfoques en la enseñanza de la historia, a la par que, con la necesaria preparación, es factible de ser aplicada en aula.*”(SCHWARZSTEIN:p.132)



Neste sentido, entendo que a necessária preparação dos estudantes para o trabalho com fontes orais se dará no âmbito do *Laboratório de História Oral*, a ser implementado junto ao CEDOC- Centro de Documentação e Memória Regional da UESC. A participação dos estudantes do curso de Licenciatura em História da UESC na organização do acervo de fontes orais do CEDOC servirá como exercício e laboratório de práticas de ensino e pesquisa com fontes orais no ensino básico.

A proposta do *Laboratório de História Oral* pretende *cruzar* estas fronteiras, na medida em que possibilitará um *encontro* entre mundos que parecem distantes, em particular no universo acadêmico. Silva (1995) já nos trouxe a preocupação com a exclusividade do prazer estético em lugares destinados à pesquisa histórica – a universidade, e outros, destinados à fruição estética de monumentos e patrimônios culturais (museus, monumentos, obras de arte).

A perspectiva deste projeto é de construir experiências de ensino e pesquisa no ensino básico, utilizando-se das fontes orais. Tem como finalidade proporcionar exercícios para serem utilizados no ensino e na pesquisa em História em que a experiência de docência esteja articulada à produção, análise e interpretação de fontes orais como exercício da dimensão da pesquisa e da formação docente dos estudantes do curso de História da UESC.

A metodologia utilizada será de encontros, oficinas, supervisão e orientação aos alunos bolsistas, fornecendo subsídios para a utilização das fontes orais no ensino de História.

Para a sensibilização e conhecimento do acervo de fontes orais – entrevistas do CEDOC, foram realizados encontros com a equipe do CEDOC – coordenação, arquivista e auxiliar técnicos, para preparar a organização do acervo e planejar as ações com o material.

Num primeiro momento, a aluna bolsista teve contato com a rotina de organização do acervo do CEDOC; em seguida, tomou cursos sobre a metodologia de arquivística, coordenados pela equipe de trabalho do projeto. Esta etapa teve a duração de 6 meses, de maio a outubro de 2013.

Num segundo momento, a bolsista participou das oficinas coordenadas pelo professor coordenador e equipe, para a formação na metodologia da História Oral. As oficinas ocorreram no segundo semestre de 2013, entre novembro e dezembro.

O acervo de entrevistas do CEDOC conta com 371 entrevistas, a maior parte ainda não



catalogada. O processo de reconhecimento, audição, elaboração de ficha técnica foi orientado pela técnica arquivística Stela Dalva, com a supervisão do prof. coordenador. Essa etapa é contínua, iniciando-se logo após as oficinas de orientação arquivística. O acervo de fontes orais, em sua maioria composto por entrevistas realizadas por pesquisadores da UESC é contínuo, servindo-se de doações de pesquisadores e de outras entrevistas realizadas em projetos anteriores pela equipe do CEDOC, tais como: a) Patrimônio Histórico-Cultural da região sul da Bahia – coordenação Prof.a Dra. Janete Ruiz de Macêdo; Projeto História do Bairro Conceição, em Itabuna. coordenação da Profa. Rosana Lopes; c) Projeto “Histórias de Pescador”: cotidiano, memórias e experiências de pescadores artesanais em Ilhéus – 1960-2008. coordenação do Prof. Dr. Luiz Henrique dos Santos Blume – entrevistas orais; d) Projeto História do bairro Conceição – Itabuna; e) Fundo FAFI/FESPI - organização do acervo de documentos da FAFI/FESPI – 1960-1992; f) Coleção Testemunhos para a História: depoimentos de personalidades públicas da região (mais de 100 entrevistas); g) séries: história temática; histórias de vida; tradições orais; h) Coleção História de Itabuna: fotografias, recortes de jornal, diversos; i) Coleção História de Ilhéus: fotografias, recortes de jornal, diversos; j) Coleção Litoral Sul: informações sobre os municípios;

Estes Fundos e Coleções compõem-se não somente de entrevistas, mas fotos, cartazes, cartas, ou seja, fontes escritas. No entanto, o volume de entrevistas é muito grande, e necessita de uma catalogação e tratamento arquivístico;

Oficinas realizadas durante a duração da bolsa de Iniciação ao Ensino: 1) Técnicas de organização de acervos e arquivos; coordenação: Prof. Luiz Henrique dos Santos Blume e realizada pela técnica Stela Dalva, com participação da aluna bolsista e de outros estudantes do curso de História da UESC; 2) Oficinas de História Oral, onde foram discutidos os pressupostos teórico-metodológicos, a elaboração de roteiro de entrevista, técnicas de gravação, transcrição, armazenamento. Esta oficina inicialmente foi conduzida pelo prof. Luiz Henrique dos Santos Blume, coordenador do projeto, com a participação da aluna bolsistas e alunos do curso de História interessados. Pretende-se que a bolsista Maíza Ferreira dos Santos realize a oficina com estudantes da educação básica ainda este semestre. Por conta do movimento paredista dos professores da UESC, a oficina prevista para iniciar no mês de abril ainda não se realizou.



Considerações finais:

A proposta da criação do *Laboratório de História Oral: ensino e pesquisa com fontes orais* é fundamental para que os estudantes do curso de Licenciatura em História possam ter contato com metodologias de pesquisa com fontes orais. Neste momento, o projeto encontra-se em fase de conclusão dos resultados parciais, pois entendemos que ainda não é possível consolidar a proposta do Laboratório, uma vez que a fase de catalogação das fontes orais – entrevistas, áudios e vídeos, encontrou problemas estruturais que impossibilitaram a conclusão da fase de organização do acervo em sua plenitude.

Porém, já é possível apontar algumas perspectivas para a organização do Laboratório de História Oral, pois o estágio realizado pela estudante Maíza Ferreira da Silva e a minha supervisão apontaram para algumas questões que podem ser apresentadas à coordenação do CEDOC no sentido de estruturar o acervo de fontes orais.

Além disso, a experiência da bolsista pode revelar uma interessante faceta do acervo de fontes orais: a presença de mulheres na condição de educadoras dos municípios da região pode revelar sujeitos ainda pouco estudados na historiografia da região.

A primeira fase do trabalho consistiu em fazer o levantamento da quantidade de entrevistas que possui o acervo de História Oral do CEDOC. O acervo possui 371 CD's tombados, nesses CD's estão contidas entrevistas de temáticas variadas, onde as mesmas foram elaboradas por estudantes e professores da própria instituição com a finalidade de buscar a preservação e a construção de uma nova história para a região cacaueira. Grande parte dessas entrevistas possui sua respectiva transcrição e elas também fazem parte do acervo do CEDOC.

Logo após esse primeiro contato foi iniciado o processo de nova catalogação das fontes orais. O acervo de História Oral era anteriormente formado somente por fitas cassete, porém recentemente houve uma atualização desse material e todo o acervo foi transferido para arquivo de CD. Com esse trabalho de pesquisa percebeu-se que nesse processo de transferência das fitas cassete para o áudio digital (cd's), as informações entre o acervo físico das entrevistas e as fichas de identificação não correspondiam às descrições efetuadas. Dessa forma, foi necessário sistematizar essas informações, e uma nova catalogação será efetuada. Esse trabalho será elaborado a partir da audição de todas as entrevistas que possuem no



acervo, sendo que, todo esse processo metodológico seguirá as técnicas de arquivística.

No primeiro ano de execução do projeto (2013) foi realizado o levantamento da coleção de fontes orais do CEDOC, além de identificar as entrevistas que estão no acervo de História oral que recebe a nomenclatura de Testemunhos para a História. No segundo ano do projeto (2014) foi realizada a revisão da catalogação das entrevistas. Esse trabalho tem como finalidade contribuir para os pesquisadores e para centro de documentação, para a elaboração de um livro tomo, ou seja, o trabalho vai ser transformado em um catálogo de busca, no qual constarão todas as informações a respeito das entrevistas do acervo e da Coleção Testemunhos para a História.

Como última digressão, destacaria a vivência da estudante de História Maíza Ferreira da Silva no projeto, fundamentais para a sua formação. Os seminários, as oficinas, as leituras e o próprio acervo de História Oral lhe proporcionaram um novo olhar sobre a História, seus sujeitos e seus métodos. Ao deparar-se com as variadas entrevistas, pôde compreender que a História não é feita somente pelos grandes heróis, que acabam virando ícones dos livros didáticos, indivíduos que acabam se tornando referência de uma História hegemônica e, na maioria das vezes, elitista, pois excluem a participação de sujeitos comuns dos vários processos históricos.

Nesse sentido, a experiência da estudante bolsista possibilitou-lhe uma experiência de ensino e pesquisa na graduação para compreender as possibilidades do uso da fonte oral no ensino. A História Oral possibilita que sujeitos comuns se vejam como agentes ativos na construção da História, sendo assim, a fonte pode ser uma ferramenta contra-hegemônica na historiografia. Durante todo esse período do projeto, percebemos que o acervo de História Oral do CEDOC tem grande potencialidade para a pesquisa e ensino de História. Existem diversas categorias que podem ser trabalhadas usando as entrevistas da **Coleção Testemunhos para a História**. Gênero e História Política são algumas delas. Além desses novos olhares, entendo a consolidação do *Laboratório de História Oral* como essencial para o CEDOC, espaço de suma importância para o incentivo do uso da fonte oral no ensino e na pesquisa dentro e fora da instituição.



REFERÊNCIAS:

BLUME, Luiz Henrique dos Santos. *“Viver de tudo que tem na maré”*: tradições, memórias de trabalho e vivências de marisqueiras em Ilhéus, BA, 1960-2008. **Tese** (Doutorado em História). São Paulo: PUCSP, 2011. 183 fls.

BARBOSA, E.G.; BLUME, L.H.S.; OLIVEIRA, C.A.O.; RALINE, G.; SOUZA, E.F. **Projeto Acadêmico Curricular do Curso de Licenciatura em História**. Ilhéus: 2007, digitado. s.n.t. (RESOLUÇÃO CONSEPE UESC 004.2003)

CERTEAU, Michel de. “A operação historiográfica” In: __ **A escrita da História**. pp.65-122. 1.^a ed. br. Rio de Janeiro: Livraria Forense-Universitária, 1982.

FENELON, D.R. O historiador e a cultura popular: história de classe ou História do povo? In: **História & Perspectivas**. Uberlândia: EDUFU, vol. 40, pp. 27-51, jan.-jun. 2009. disponível on-line em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/historiaperspectivas/issue/view/856>>

FENELON, DÉA R. Cultura e História Social: Historiografia e Pesquisa. In: **Projeto História**, v. 10, São Paulo: Educ, dez. 1993, p.73-90.

FENELON, D.R.; FUNARI, P.P.; SILVA, M.A. Ensino de História: opções em confronto. In: **Revista Brasileira de História**. Instituições. v.7, n. 14. pp. 231-262. São Paulo: Ed. Marco Zero/ANPUH, mar-ago. 1987.

FENELON, D.R. **50 textos de História do Brasil**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1983.

FONSECA, S.G.; SILVA, M.A. da. **Ensinar História no século XXI**: em busca do tempo entendido. 4. ed. Campinas: Papirus Editora, 2011.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Não contar mais? In: **História e Narração em Walter Benjamin**. 2. ed. 2. reimpr. p. 63-82. Campinas/São Paulo: Editora da UNICAMP/Editora Perspectiva; FAPESP, 2007.

HALL, Stuart. Notas sobre a desconstrução do popular. In: HALL, S. **Da Diáspora**. Identidades e mediações culturais. 1. reimpressão revista. p. 231-247. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006.

KHOURY, Yara Aun. O historiador, as fontes orais e a escrita da História. In: ALMEIDA, P.R.; MACIEL, L.A.; KHOURY, Y.A. **Outras histórias**: memórias e linguagens. p. 22-43. São Paulo: Ed. Olho D’Água, dez. 2006.

PORTELLI, A. História Oral e Poder. I: **Mnemosine**. Revista eletrônica do Instituto de



15

Psicologia da UERJ. vol. 6. n.o 2, p. 2-13. 2010. (Tradução de BLUME, L.H.S; RODRIGUES, H.C.B.). acessado em: <<http://www.mnemosine.cjb.net>>

SCHWARZSTEIN, Dora. La historia oral en la escuela: guía de proyecto y entrevista. In: POZZI, P.; GRACIA, G.N. **Cuéntame cómo fue**. Introducción a la historia oral. p. 131-150. Buenos Aires: Imago Mundi, 2008.

SILVA, M.A. da. **História**: o prazer em ensino e pesquisa. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1995.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e Literatura**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.